

**HEILBORN, Maria Luiza. "Construção de si, gênero e sexualidade", in: HEILBORN, Maria Luiza. (org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*, IMS/UERJ. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999, p. 40-59.**

## CONSTRUÇÃO DE SI, GÊNERO E SEXUALIDADE

*Maria Luiza Heilborn*

Este artigo<sup>1</sup> versa sobre as trajetórias biográficas de homens e mulheres de 20 a 45 anos residentes na cidade do Rio de Janeiro, enfocando práticas e valores relativos à sexualidade e ao gênero. O material etnográfico compõe-se de um conjunto de cerca de oitenta entrevistas, no estilo história de vida, coletadas ao longo de três anos entre sujeitos de diferentes inserções sociais, buscando analisar qual é o lugar da sexualidade na construção da pessoa em distintos contextos culturais de uma sociedade complexa e heterogênea. Contrastando as carreiras sexuais masculinas com as femininas, busca-se salientar os vínculos entre a esfera sexual e as relações de gênero e a subjetividade.

A sexualidade não tem o mesmo grau de importância para todos os sujeitos. Mais do que um recurso explicativo baseado em diferenças psicológicas, essa variação é efeito de processos sociais que se originam no valor que a sexualidade ocupa em determinados nichos sociais e nos roteiros específicos de socialização com que as pessoas se deparam. A cultura (em sentido lato) é a responsável pela transformação dos corpos em entidades sexuadas e socializadas, por intermédio de redes de significados que abarcam categorizações de gênero, de orientação sexual, de escolha de parceiros. Valores e práticas sociais modelam, orientam e esculpem desejos e modos de viver a sexualidade, dando origem a carreiras sexuais/amorosas.

O valor diferencial atribuído à sexualidade deve considerar que esta não é sinônimo de atividade sexual. O primeiro termo refere-se à construção histórica, na modernidade, de uma dimensão interna aos sujeitos (Vance, 1995), profundamente imbricada num modelo particular de construção da pessoa, no qual interiorização e individualização são traços modeladores da subjetividade. Mais do que uma entidade universal, a sexualidade é uma unidade ficcional (Weeks, 1986: 15), dependente de um determinado contexto cultural e historicamente instituída como um

---

<sup>1</sup> As entrevistas foram coletadas ao longo de três anos de pesquisa no âmbito de uma investigação maior, intitulada "Construção de si e identidade sexual: análise comparada sobre carreiras afetivo-sexuais", da qual participaram, como bolsistas de iniciação científica do CNPq, Pibict e UERJ, Eduardo Ribeiro, Bianca Palermo, José Gabriel Correa, Ivía Maria Maksud e Leandro Oliveira, e, na condição de assistente de pesquisa, Patrícia Fernanda Gouveia, que realizou uma dissertação de mestrado com os dados relativos a mulheres de camadas populares (Gouveia, 1997). O projeto contou com o apoio da Fundação Ford e da Bolsa Prociência da UERJ. Alguns artigos já trataram de determinados aspectos dessa temática; ver Heilborn e Prado, 1995; Bozon e Heilborn, 1996; Heilborn e Gouveia, 1999; e Heilborn, 1998.

domínio portador de sentido em si mesmo (Foucault, 1977).

Ainda que este tenha sido um movimento geral das sociedades modernas, certos segmentos sociais estão mais expostos à lógica cultural da modernidade, enquanto outros, como as classes trabalhadoras, compartilham distintamente desses códigos hegemônicos. Esse argumento pressupõe que culturas distintas coexistem em uma mesma sociedade e que certos segmentos sociais não esposam a ideologia dominante, a individualista. Tais grupos expressariam uma visão de mundo holista, na qual valores ligados à preeminência do todo, e não do indivíduo, seriam os estruturadores de sua lógica social. Assim, a sexualidade não se constituiria em domínio de significação isolada, estando sexo e prazer englobados por uma moralidade mais abrangente<sup>2</sup>. Isso significa sustentar que, nesses segmentos, a sexualidade não se apresenta como referência básica para a definição identitária (contrastivamente aos segmentos modernos) e tampouco é objeto de um discurso específico, ou melhor, não se constitui como uma instância de exercício de apreensão racional, abstrata.

Considerando tais diferenças de contexto cultural, é ainda possível recuperar um percurso de experiências no âmbito dos afetos e contatos físicos com pessoas, designando-o pela expressão de carreiras sexuais/amorosas. O mérito desse procedimento é poder cotejar trajetórias e cenários sexuais distintos, seja pelo prisma de classe, seja pelo de gênero. O relato de vida coloca em relevo determinados eventos, entre eles a iniciação amorosa/sexual. O privilegiamento das circunstâncias e datas funciona como um catalisador de reminiscências que promove a rememoração da trajetória de vida nesse âmbito. A solicitação de um discurso sobre o primeiro relacionamento pode incorporar, segundo o sistema de relevância do entrevistado (Schutz, 1979), elementos que o informante considera significativos para a explicação desse evento. Lembranças anteriores, ligadas à familiaridade com o tema do sexo, à socialização do gênero e às redes sociais que abrigam essa trajetória, constituem aquilo que Simon e Gagnon (1973) denominam *roteiros sexuais*.

A sucessão de experiências, as datas e circunstâncias em que ocorrem, os intervalos entre elas e seus desdobramentos – em suma, o desenrolar dos eventos – traduzem-se em roteiros sexuais, delineados sobre um pano de fundo onde se combinam as diferentes marcas sociais que delimitam o campo de possibilidades dos indivíduos: origem e classe social, história familiar, etapa

---

<sup>2</sup> O sentido de moralidade merece ser esclarecido. Não se trata de afirmar que a sexualidade (dos setores classificados como modernos) desconhece regras (nesse sentido, isso também constitui uma moral). Entretanto, o uso do termo *moralidade* nos grupos populares conota uma dimensão mais englobante, apontando para uma articulação mais estreita entre valores relativos ao sexo, à família, ao gênero e à reciprocidade como forma relacional básica (Duarte, 1986a). Nesse plano, contrasta com o tipo ideal delineado para a sexualidade moderna, que confere um relevo significativo à atividade sexual, às sensações a ela conectadas e sobretudo à reflexão que a acompanha.

do ciclo de vida em que se encontram, as relações de gênero estatuídas no universo em que habitam. Todos esses elementos fornecem as balizas para o processo de modelação da subjetividade, entendido como as circunstâncias sociais e biográficas que ensejam o sentido do *eu*.

A cidade do Rio de Janeiro é o palco das personagens aqui retratadas. O material refere-se tanto a pessoas pertencentes a camadas médias quanto a grupos populares, com relativa ênfase no universo dos segmentos médios, em especial aqueles que são moradores da zona norte e subúrbio da cidade. Essa ressalva faz sentido pela configuração do espaço que a metrópole carioca exhibe. A literatura etnográfica sobre o Rio de Janeiro (Velho, 1985) tem utilizado a oposição *tradicional/moderno* nos termos dumontianos (Dumont, 1979), identificando-a a configurações morais remetidas à classificação hierárquica do espaço social *zona sul/zona norte-subúrbios*. Tal associação remete à idéia de que cada um desses termos condensa experiências sociológicas distintas o suficiente para conferir inteligibilidade a padrões morais contrastantes, nomeados de *tradicionais* e *modernos* (Salem, 1985: 25). Contudo, tal dicotomia não pode ser entendida como uma entidade substantiva, tratando-se, antes, de um eixo classificatório que opera sobre determinadas posições, cujo significado emerge apenas em um ponto específico do sistema.

À generalidade da oposição zona sul/zona norte corresponderia, *grosso modo*, uma maior tradicionalidade da última em relação à primeira. Trata-se, antes, de uma subsunção do formato sociológico das relações sociais na dimensão espacial, em que a menção à zona sul atuaria como uma espécie de metáfora condensada da modernidade e a referência à zona norte/subúrbios, como metáfora de tradicionalismo. Essa oposição entre zonas espaciais da cidade tem um caráter de modelo: apreende certos traços em detrimento de outros. Nos bairros da zona norte/subúrbios da cidade encontram-se redes de sociabilidade mais densas, acoplando relações de vizinhança, parentesco, amizade e compadrio – em suma, um ambiente de maior controle social e potencialmente de maior resistência à mudança.

Essa distinção faz sentido sobretudo para a delimitação de fronteiras morais entre os setores designados como segmentos médios, uma vez que aqui se opera com o argumento de uma cultura distintiva presente nas camadas populares (Ropa & Duarte, 1985). A escolha de lidar com sujeitos oriundos de setores sociais mais privilegiados do que os populares visa averiguar os contornos da difusão da ideologia moderna numa presumível cultura holista vigente nos segmentos médios, bem como as combinações de traços que daí derivam. Essa estratégia combina-se com a premissa de um persistente viés assimétrico na estruturação das relações entre os gêneros (Heilborn, 1993). A comparação de carreiras sexuais masculinas e femininas, descritas a seguir, busca ilustrar tais hipóteses<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Todos os nomes dos entrevistados são fictícios.

## CARREIRAS MASCULINAS

Na construção do gênero masculino, a despeito das significativas diferenças de classe, há um patamar compartilhado que se refere a certos contornos culturais da sociedade brasileira: o manejo da atividade sexual por parte dos sujeitos é capital para a constituição de suas identidades de gênero. Os homens aqui examinados pertencem, *grosso modo*, a dois universos distintos. O primeiro refere-se à classe popular: são moradores de favelas com ocupações que exigem pouca qualificação, como porteiro, auxiliar de motorista de caminhão, vigilante e auxiliar de escritório. As carreiras escolares se interromperam no máximo no 2º grau; em geral, não atingiram a conclusão das últimas séries do 1º grau. Juntam-se aí os obstáculos de permanecerem na escola, em função do desestímulo da repetência e do ingresso no mundo do trabalho através de inúmeros expedientes precoces para ganhar dinheiro: fazer carreto na feira, ser embalador em supermercado, trabalhar na construção civil.

O segundo universo é composto de homens pertencentes às camadas médias, que habitam diversos bairros da zona norte da cidade. Ter curso superior é uma estratégia de ascensão social. Suas trajetórias demonstram que a frequência à universidade é concomitante a uma inserção no mercado profissional e muitas vezes a "faculdade" é interrompida. São comerciários, analistas de informática e proprietários de pequenos estabelecimentos.

A iniciação sexual dos integrantes dos setores populares tende a ser mais precoce, quando comparada a dos homens dos segmentos médios<sup>4</sup>. Esse evento atrela-se a um processo de mudanças que tende a ocorrer em torno dos 12 ou 13 anos, e que se exprime no meio popular pela experiência mais regular no mundo do trabalho. A coincidência entre as datas sugere que se trata de um movimento físico e moral de exteriorização em relação ao mundo da casa. Em termos estruturais é, antes, uma expulsão que o mundo da casa, nos grupos populares, realiza com seus membros masculinos. O início da atividade sexual exprime uma mudança de status e da percepção de ser homem, que é a um só tempo ter adentrado o universo masculino da "obrigação" de trazer dinheiro para casa (o grupo doméstico de origem) e ter se iniciado sexualmente. A iniciação sexual é, assim, um dos apanágios de uma identidade de não mais criança e se integra no processo de constituição da masculinidade adulta (Heilborn, 1997). Vê-se, nessa superposição de calendários, de que modo a esfera sexual se articula com outras marcas sociais que sinalizam mudança de status etário.

Já para os entrevistados situados em estratos mais privilegiados da hierarquia social, a

---

<sup>4</sup> Pesquisas quantitativas disponíveis sobre sexualidade têm apontado uma diferença entre o calendário de iniciação sexual segundo o gênero e a classe social (Lagrange & Lhomond, 1997). Mais especificamente no quesito classe social, a escolaridade desempenha um papel significativo não apenas em relação à data de ingresso na sexualidade adulta, como também ao modo de discursar sobre ela.

iniciação tende a ocorrer de quatro a cinco anos mais tarde na vida dos rapazes. A rotina escolar preenche de maneira mais intensa o seu cotidiano e seu universo de relações encontra-se mais restrito à sociabilidade ensejada pelo colégio, fortalecendo, assim, as marcas de pertencimento a uma dada classe de idade. Nos últimos anos, algumas mudanças têm sido introduzidas nesse cenário. Ressalte-se que as trajetórias biográficas aqui analisadas referem-se a mais de dez anos atrás.

Do conjunto dos depoimentos surgem alguns padrões de passagem para a sexualidade adulta: as iniciações repentinas e as que ocorrem no contexto de um relacionamento. Além dessa distinção, salientam-se dois pontos em comum, a despeito das inserções sociais dos entrevistados. O primeiro diz respeito ao que é sexo: a marca fundamental é a penetração.

*Eu gostava muito dela [da namorada], mas para mim era muito difícil. Eu estava muito ansioso para ter um relacionamento sexual nessa época. Ela era virgem, aí eu conheci essa pessoa que era mais velha do que eu dois ou três anos. Era uma mulher muito independente, livre. Era uma mulher para mim* (Henrique, universitário e produtor de eventos na área cultural, 25 anos).

Essa narrativa descreve a primeira vez de Henrique, que se relaciona sexualmente com uma moça que não é sua namorada. Sente-se compelido a romper o vínculo, a despeito de gostar muito dela. Ele está então com 17, 18 anos, e a nova parceira representa a entrada em mundo que desconhecia, ampliando sua rede de sociabilidade, até então restrita aos colegas de colégio. Assim, a diferença etária reequilibra a hierarquia de gênero, e a mulher nesse contexto aparece como a iniciadora, padrão bastante difundido há alguns anos.

O segundo ponto a ser salientado refere-se à ênfase na aquisição do aprendizado técnico do sexo de que se revestem as falas masculinas sobre a primeira vez. Os depoimentos sublinham aspectos de sucesso ou de fracasso nessa experiência e avaliações sobre o tempo do ato. Há uma tônica sobre a sua qualidade de ensaio, às vezes um pouco decepcionante em relação às altas expectativas de desempenho do sujeito. Dessa forma, as explicações sobre as circunstâncias ganham lugar de destaque nas falas, e os depoentes elaboram uma reflexão em que ponderam sobre o porquê de suas performances.

*Naquela época, praticamente eu tinha medo de beijar com a língua, sabe? Isso era uma coisa meio retardada. Eu não beijava com a língua. (...) A mulher falava: "me dá a sua língua", eu ficava com receio, coisa de louco mesmo* (Dário, 27 anos, professor secundarista).

A iniciação sexual, narrada como repentina, pressupõe, contudo, que ingressar na sexualidade adulta tornou-se um elemento de relevo naquele momento da vida dos rapazes.

Sobressaem-se as situações de iniciação com mulheres mais velhas, com parceiras não exatamente desejáveis e eventualmente com prostitutas ou empregadas domésticas. Esses atos, em parte não plenamente adequados, são representados como “necessidade”, categoria que articula diversas circunstâncias da vida sexual desses homens, perpassando as fronteiras de classe. A “necessidade” se inscreve corporalmente, como uma demanda irresistível, mas também serve para explicar a escolha de parceiras não muito valorizadas. À “necessidade”, urgência do corpo, é acoplado o desejo de dar satisfação às demandas sociais de mostrar-se homem. A garantia do novo status é fornecida pelo reconhecimento dos pares, que confere legitimidade à passagem.

Essa chancela da rede social que cerca o sujeito ordena-se pela classificação das parceiras ideais. O regime das relações de gênero, prescrevendo condutas adequadas para homens e mulheres, intervém de maneira inequívoca nesse cenário da iniciação, modelando a percepção de si a partir do julgamento dos pares. As parceiras a que os rapazes têm acesso, e conseguem manter, são de capital importância em relação ao valor para si próprios e para os demais. Essa dependência intensa do outro gênero sempre foi salientada na literatura sobre o machismo das sociedades latinas. As categorias de classificação do feminino opõem as mulheres “fáceis”, que “dão mole”, “piranhazinhas”, e as mulheres “para casar”. Esse parâmetro ordena o modo com que os homens se aproximam das figuras femininas. Ainda que as relações estejam organizadas por um princípio de valorização do masculino – ou, como quer Bourdieu (1998), de dominação –, o exercício dessa assimetria não se faz facilmente. É crucial manter-se nessa posição de quem tem as rédeas da situação, embora isso signifique muitas vezes de fato não tê-las.

O segundo padrão é o da iniciação no contexto de um relacionamento. Esse modelo têm começado a se impor entre as gerações mais jovens. As mudanças nas relações de gênero e a perda (relativa) do valor alocado sobre a virgindade feminina têm aproximado o calendário da iniciação sexual entre os sexos e também provocado uma alteração na figura da parceira para os rapazes; esta tem se tornado a namorada e não mais uma relação eventual. No quadro aqui considerado, em que a maioria dos entrevistados encontra-se próxima dos 30 anos, a iniciação ocorreu há mais de uma década. Esse decurso temporal não deve ser minimizado. Assim, os depoimentos estão marcados por um outro cenário, em que ainda prevalece a iniciação referida como repentina.

O panorama da iniciação complementa-se no fato de que o ato é invariavelmente contado aos pares. A opinião de interlocutores masculinos aparece de forma indireta nos relatos, mas ainda assim ilumina de que modo se constrói a avaliação da experiência e a maneira como ela redunde na percepção de si. O sucesso tem que ser validado, e o vocabulário utilizado descreve os contatos corporais e etapas de um relacionamento através de termos como “azarar”, “arrochar”, “amassar”, “cravar”. Tais termos aludem a graus diferentes de intensidade e ousadia na aproximação entre os sexos e conotam, além de movimentos físicos, uma natureza moral, reveladora de uma dimensão de

força e caça que a sedução, vista pela ótica masculina, abriga. O bom desempenho significa maximizar as oportunidades abertas pelo contato sexual. “Fazer de tudo” é uma expressão recorrente nas falas masculinas (cf. Leal, 1998). Essa disposição, culturalmente fabricada, não é de fato alcançada por todos os sujeitos, mas se integra como um dos elementos que definem a masculinidade: uma disposição ativa para o sexo e o desejo de exploração de suas múltiplas possibilidades.

No desdobramento da primeira vez delineia-se, a partir dos novos experimentos, uma carreira para o sujeito, que dialoga de perto com os modelos de masculinidade disponíveis. Em termos gerais, poderia se definir como modelo exaltado de masculinidade a figura do namorador, em sua versão amena, e a do “ganhão”, a mais exacerbada. Tal modelo está representado pelo tipo que coleciona conquistas e namoros que terminam de forma rápida, assinalando o momento em que a “pressão” feminina por um relacionamento mais sério chega ao limite de suportabilidade para o sujeito. É um paradigma cujo colorido se diferencia segundo as circunstâncias do cenário sexual e que atravessa as classes sociais, revestindo-se de nomeação distinta, mas que guarda um fundo comum.

Nas falas de integrantes das camadas populares, é exemplar a “perturbação” com o comportamento de garotas ou mulheres que querem controlar a autonomia do indivíduo, seja pela forma como ele se relaciona com os seus pares, pelo tempo que não despende com elas, seja pela forma mais acabada para eles de controle, que é a proposição do vínculo (mais ou menos) perene: o casamento. Se a perturbação feminina é uma categoria que se refere a uma alteração de um regime ideal de relação, do ponto de vista masculino ela também representa, nos segmentos populares, uma categoria central para pensar desequilíbrios em diferentes áreas da vida (Duarte, 1986b). Uma representação semelhante também está presente no universo de camadas médias: a *má intenção*. A má intenção feminina é “amarrar” o homem, o que alude ironicamente às intenções masculinas, que é a de obter favores sexuais sem a contrapartida do compromisso de relação.

O modelo antagônico é representado pelo tímido. A timidez reflete os obstáculos na aproximação com o sexo oposto. Os momentos iniciais de contato com o mundo feminino pela conquista de possíveis parceiras revelam-se altamente tensos e cheios de expectativas (Bozon & Heilborn, 1996). Está em jogo não somente conseguir ser bem-sucedido em atrair parceiras, mas sobretudo ter suas conquistas aprovadas pelo seu grupo de pares. Esse reconhecimento intragênero é crucial para a construção da identidade masculina<sup>5</sup>. Assim, mais do que afirmar uma certa configuração psicológica dos sujeitos, a timidez masculina revela de que modo a hierarquia de gênero, ao lado do leque de privilégios sociais que designa a cada um dos sexos, pode ser

---

<sup>5</sup> Richard Parker já havia assinalado essa propriedade ao assinalar que “as figuras adicionais” (no caso masculino, machão, corno, bicha e viado) desempenham “ações cruciais na construção do gênero na vida diária” (1991: 74).

constrangedora para os indivíduos. A timidez é então considerada aqui como um designativo sociológico de uma inabilidade ou incapacidade momentânea (talvez persistente em alguns casos) de ser bem-sucedido com os roteiros prescritos para o gênero masculino.

Entre as atitudes arroladas nesses roteiros encontram-se tomar a iniciativa de buscar uma mulher que os pares considerem adequada, ultrapassar as barreiras de aproximação com o sexo oposto através do jogo de sedução, manter a posição masculina de (relativa) superioridade sobre a parceira e, finalmente, poder contar ou mostrar para a rede de amigos que essa etapa foi cumprida. Essas condutas esperadas podem ter um custo muito alto para os sujeitos. Nesse sentido, os relatos masculinos, quando falam da timidez, exprimem a dificuldade de preencher determinadas capacidades socialmente atribuídas aos homens.

*Eu nunca mais a vi. E era uma mulher mais velha que eu, bem mais velha que eu. Porque eu era muito tímido. E aquela coisa de ela ser muito mais velha que eu, aquilo me incomodou também. A minha idéia era de uma garota mais nova, mas eu não tinha coragem. Aí, depois eu fui em uma zona de prostituição, também* (Humberto, 45 anos, professor universitário)<sup>6</sup>.

As situações de desconforto com os roteiros de gênero prescritos para os homens são inúmeras. A timidez é, assim, um caso exemplar de atributo negativo, impeditivo de sucesso na esfera da sedução e do desempenho sexual. A timidez pode desaparecer de acordo com o desenvolver da carreira sexual e do progresso na escala etária. As metáforas utilizadas para se referirem à relação com o sexo oposto falam de força e audácia masculinas (“resolvi encarar”), um certo tipo de talento que determinados homens não sabem como atingir. Essa circunstância adquire feições de tensão, em particular no momento em que o calendário socialmente sancionado indica como adequado para a iniciação sexual. Os “tímidos” falam dos percalços da dominação masculina no âmbito da vida amorosa e sexual.

#### CARREIRAS FEMININAS

Dois universos sociais são aqui considerados. O primeiro diz respeito a mulheres pertencentes a camadas médias e o segundo, a camadas populares. No primeiro grupo, a coleta de dados e a análise sobre as carreiras femininas foram orientadas pelo olhar sobre a reestruturação da sociabilidade sexual para as mulheres no contexto da Aids e seu impacto sobre estilos de vida (Heilborn & Prado, 1995). Nele, observaram-se algumas mudanças significativas quanto ao lugar que a sexualidade ocupa na construção de si, associadas à modernização dos costumes, particularmente as representações sobre família, conjugalidade, sexualidade feminina e concepções

---

<sup>6</sup> Depoimento constante da dissertação de mestrado de Lago, 1999.

relativas a um novo ordenamento das relações entre os gêneros, o que tem sido atribuído como uma característica das camadas médias (Salem, 1989).

Essas mudanças ficam mais evidentes em um prisma de geração, isto é, quando a história de vida dessas mulheres é comparada à de suas mães, mas não são tão salientes quanto em outros segmentos sociais (Heilborn, 1995). Depara-se nesse universo com uma disseminação parcial da ideologia individualista, sem que haja, contudo, dominância desse ideário, espelhando a presença de visões de mundo com uma dupla determinação: a coexistência do paradigma individualista com o paradigma hierárquico. Entre os traços do ideário moderno, salienta-se a difusão de um psicologismo, na qualidade de um idioma que busca situar na subjetividade do sujeito, em seus traços idiossincráticos, as razões de determinadas escolhas e de certos desdobramentos da história de vida. Contudo, não se pode afirmar que haja uma preeminência da categoria de indivíduo como ordenadora da cartografia simbólica do grupo.

Os atores sociais aqui referidos são representativos de segmentos expostos ao individualismo, mas não plenamente representantes do *ethos* e concepções relativas ao sujeito moderno, que tem a sua armadura em torno do psicológico e do ordenamento pela "verdade do sexo" (Foucault, 1977). São predominantemente mulheres moradoras da zona norte da cidade, entre 20 e 45 anos, professoras de 1º e 2º graus, profissionais de vendas, advogadas e estudantes universitárias. Todas ostentam vida sexual ativa e, quanto à entrada na vida amorosa/sexual, atestam um discurso que reitera a "repressão sexual". Acatam tal versão, sustentando que as informações sobre sexualidade raramente foram obtidas no círculo familiar, tendo sido buscadas em aulas, livros e junto aos amigos. Mas, em verdade, as mães são referidas a propósito do seu grau de informação "sobre sexo" quando iniciaram suas carreiras amorosas/sexuais. É pela negativa que se referem às mães, no sentido de que praticamente nada veio delas que se pudesse considerar como informação; há omissões, constrangimentos, interdições.

*As coisas que eu ouvia da minha mãe eram "mulher é privada de homem".  
Então como é que eu fui gostar tanto? (Natália, 35 anos).*

A primeira relação sexual é comumente relatada como cercada de grande expectativa, destacando-se a problematização relativa à perda da virgindade, referida à perda de valor no mercado matrimonial e à categorização moral negativa. A idade da iniciação fica na faixa dos 15 aos 17 anos, para as mulheres que têm hoje de 21 a 32 anos; para as de idade atual entre 33 e 45 anos, ocorreu dos 21 aos 22 anos. Observa-se, assim, uma sensível mudança em termos geracionais, apontando para a referida modernização de costumes no interior das camadas médias urbanas.

Esse diacrítico etário pode ser identificado também no tocante às práticas preventivas. Existe, de maneira muito acentuada, a consciência sobre os riscos da Aids. Contudo, as mulheres

mais velhas (30-45 anos) dizem que “na hora h” não conseguem “exigir do parceiro” o uso da camisinha. Já as mais jovens se revelam adeptas do uso do preservativo, sobretudo porque este parece atender mais às demandas da contracepção do que propriamente à prevenção das doenças sexualmente transmissíveis e Aids. De modo muito significativo, há convergência absoluta entre as entrevistadas no sentido de que a prevenção diminui “quando o parceiro é conhecido”, inferindo-se que o problema da prevenção, tal qual a contracepção, permanece na esfera de preocupação feminina.

O exercício da sexualidade acopla-se a determinações que escapam ao ditame moderno de seu valor intrínseco. Ele faz sentido quando vinculado a estratégias matrimoniais e de integração em uma rede social, o que contrasta com a lógica masculina predominante. Os relatos femininos manifestam cálculos na escolha de parceiros e na comparação entre eles, bem como decisões sobre o momento de iniciar a vida sexual e de romper relacionamentos. Imiscui-se por vezes uma visão psicologizante de certos problemas nessa área como pessoais, e não mais completamente referidos às regras sociais (cf. Bozon & Heilborn, 1996). O cenário do intenso controle familiar, de categorização moral do sexo e de papéis tradicionais de gênero em relação aos parceiros não desapareceu por completo. Certas trajetórias biográficas atestam um afastamento maior desse contexto, e não existe uma relação direta entre faixas etárias mais jovens e uma visão de mundo comprometida com uma avaliação moderna, leia-se autonomizada, da sexualidade.

Alguns exemplos ilustrativos: Sílvia, 22 anos, narra sua primeira relação sexual, ocorrida aos 15 anos. Diz ter terminado com o primeiro namorado e parceiro sexual por três anos porque *“eu não era daquele tipo de pessoa que só porque eu tinha feito a primeira vez com ele, ele seria o meu parceiro ideal (...) eu queria descobrir outras coisas, eu queria descobrir novos horizontes, outro mundo, queria curtir, queria paquerar”*. Beatriz, 21 anos, ao contar sua primeira relação, salienta que *“não houve nada desses tabus que as pessoas põem. Foi na hora que eu quis, no momento que eu quis, com quem eu quis, como eu escolhi (...) As pessoas colocavam muito na minha cabeça que depois que eu tivesse dado a primeira vez, que ninguém mais me queria”*.

Na mesma linha e de modo mais dramático, Débora, 31 anos, refere-se às suas primeiras experiências sexuais como vividas naquela época em termos de uma resistência a algo inevitável e que foi realizado em tentativas, seguidas de medo e culpa, aos então 15 anos de idade:

*Passamos um tempo bem comportados, evitamos ficar a sós, nem os toques mais íntimos estavam acontecendo. Só que eu sabia que o sexo seria inevitável. (...) E então aos poucos as tentativas de sexo voltaram a ocorrer, sempre que estávamos sós nós nos masturbávamos um pouco; eu morria de vergonha, mas achava que tinha que ceder às vontades dele e agradá-lo, senão ele me deixaria pra namorar outra que transasse com ele.*

Já Natália, 35 anos, falando do primeiro namorado que teve dos 16 aos 20 anos (dez anos mais velho), afirma que o que ele mais admirava nela era a sua virgindade. Nesse sentido, ela resistia ao sexo e ele gostava desse “jogo”. Ela rompeu o relacionamento com alívio por *“não ter transado com esse cara”* na época, *“porque eu sabia que eu fazia parte de um grupo em que as pessoas, muitas vezes, porque transavam, casavam com os caras, não é? Eu não queria ficar com ele”*. Outros elementos da trajetória de Natália – como o ativismo político e o trabalho desde cedo *“porque não queria depender de ninguém”* – mostram-na numa posição contestadora do contexto tradicional à sua volta, que pregava o matrimônio como destino feminino.

Esses quatro casos revelam de que modo as representações sobre o gênero feminino, fundadas em uma maior autonomia, distribuem-se diferencialmente em faixas etárias variadas. A inscrição do sexo dá-se num sistema de moralidade, com uma regulação peculiar, de onde parecem advir “medos” e “vergonhas”: o medo do que as amigas virgens iriam pensar; a preocupação por ser “mais saidinha”; a vergonha de ir ao motel; temores em relação à própria atividade sexual. Nesse sentido é que, em meio à narrativa sobre uma atuação sexual que designa como “quente” e apreciada, uma entrevistada fala, elogiando o parceiro: *“e ele continua me respeitando”*.

Em termos de iniciação, há as posições assertivas, como a de Beatriz (21 anos), que iniciou sua vida sexual *“quando me senti preparada”* e da maneira que quis, e a de Luíza (21 anos), que teve o apoio da mãe e critica as amigas que *“iam só por curiosidade, pra saber o que é”*. Há posições que refletem desamparo, como o caso referido de Débora (31 anos), que não sabia o que estava se passando e nem o que fazer, ou o de Tereza (26 anos), que, após a sua primeira relação, assim interpretada hoje por ter havido penetração, diz ter ido para casa e ficado *“meio perdida: será que eu fiz mesmo?”* E há aquelas, como Sílvia (22 anos) e Natália (35 anos), que, com a participação dos próprios parceiros, se programaram para ter a primeira relação. Na visão de todas, a primeira relação (“transar”) se traduz por penetração vaginal. Da “primeira vez” se excluem o sexo anal e oral, bem como uma série de outras práticas, designadas como “amasso”, “roça-roça”, “sarrar”, “agarrar”, “preliminares”, “brincadeiras”.

As representações sobre o lugar do amor nos relacionamentos são unânimes: é imprescindível. Para esse conjunto de mulheres, é como se o amor validasse o sexo. Assim, algumas consideram que sua iniciação foi boa porque elas amavam seus parceiros, estavam apaixonadas. E colocam ressalvas em graus variados ao sexo sem amor: *“Horível mesmo, sabe. Essa coisa de você fazer sexo sem amor não dá. Pra mim não dá”* (Luíza, 21 anos). A expectativa, socialmente fabricada pelos roteiros de gênero, é de que a atividade sexual é um canal para afetos que devem perdurar para além do ato:

*Acho que não é uma coisa legal. Já experimentei, mas é algo vazio; você transa e só. É bem animal, é só para satisfazer as necessidades biológicas, não tem aquela vontade de querer mais”* (Débora, 31 anos).

Ao longo de seus relatos, as mulheres referem-se a uma preocupação com a gravidez quando falam do início de sua vida sexual, de seu preparo ou despreparo, e depois nada acrescentam de maneira espontânea quanto a qualquer aspecto de “precaução” ou “prevenção” em relação ao que quer que seja. Uma vez perguntadas sobre “precauções”, respondem mecanicamente referindo-se à gravidez, como se a Aids não se colocasse para elas. Foi necessário, portanto, conduzi-las através de perguntas sucessivas até o ponto de falarem sobre a prevenção da Aids. Salienta-se um aspecto comum a todas: mostram-se conscientes e suficientemente informadas sobre a questão e, contudo, não se previnem. Aqui se incluem tanto as mulheres que estão com parceiros fixos, quanto as que estão sozinhas no momento. As razões indicadas, no entanto, variam conforme diferentes situações e faixas etárias. Assim, entre as mais jovens e seus parceiros igualmente jovens, encontramos a disposição de usar o preservativo, enquanto as mais velhas, e os parceiros correspondentemente de faixa etária superior, manifestam claras dificuldades em usá-lo.

Os casos de Berenice e Natália, respectivamente de 34 e 35 anos, são exemplares e praticamente se sobrepõem naquilo que expressam. Ambas são professoras de 1º e 2º graus, que se reconhecem num papel de orientação das crianças e adolescentes sob sua responsabilidade nas salas de aula, inclusive quanto ao esclarecimento sobre Aids. Ambas estão descasadas há algum tempo e têm tido relacionamentos esporádicos, nos quais têm tido também que enfrentar a questão da proteção em relação à Aids. As duas relatam situações em que deixaram de usar o preservativo porque “na hora h” não conseguiram exigir de seus parceiros que o fizessem. Para elas fica claro que os homens não estão preocupados com o assunto e/ou se mostram relutantes em fazer uso da camisinha; dessa forma, cabe a elas insistirem, e é exatamente nisso que não são bem-sucedidas.

Se alguns dos parceiros aparecem nos relatos como participantes na decisão do uso da camisinha, isso se refere à prevenção da gravidez. E, ao que parece, as mulheres, embora conscientes dos riscos, se submetem à tendência masculina de não querer usá-la. Nesse sentido, o questionamento de Natália é paradigmático. Revoltada consigo mesma, ela conta um episódio em que, após discutir horas com o parceiro, argumentando para que usassem o preservativo, desiste:

*O cara me agarrava, e a gente começava, e parava, e foi muito tempo e ele encenou: “Será que eu vou ter que descer pra comprar uma camisinha?” Olha, foi o dia amanhecendo que a gente foi transar. (...) Acabei transando e pensando nisso: o que é isso? Eu estou me submetendo, eu não fui na conversa dele, eu não estou com tanta grande vontade de transar com ele.*

No grupo de mulheres populares, quase todas residentes nas favelas do Borel e da Formiga, nove não concluíram o 1º grau e onze cursaram o 2º grau. A maioria “trabalhava fora”

em atividades essencialmente femininas, como domésticas diaristas, pequena comerciante local, cabeleireira e agente comunitária. As exceções eram uma funcionária pública municipal e uma encarregada do almoxarifado de uma firma de segurança civil (Gouveia, 1997).

Embora todas participassem financeiramente das despesas do lar, ao menos de forma indireta, apenas duas tinham consciência de sua importância na manutenção da casa e do grupo doméstico, mas, assim mesmo, reportaram-se ao ideal de ter um homem que pudesse ajudá-las na provisão da casa. Todas tinham em comum a referência de um forte contexto familiar no seu entorno. Metade possuía, naquele momento, parceiro fixo. Estava presente em todas uma representação da instabilidade dos laços conjugais. Além disso, essas mulheres apresentaram experiência familiar de matrifocalidade. Diferentemente das mulheres de camadas médias, em que em certos contextos de fala surgia uma demanda por uma simetria entre os gêneros, elas acatavam distintos papéis para homens e mulheres. Nas falas e representações das moradoras não havia uma expectativa de paridade entre os gêneros, mas sim uma demanda por maior complementaridade entre eles (Gouveia, 1997). Para essas mulheres, relevante é a expectativa de terem para si um homem provedor de recursos e de respeito, cumpridor das obrigações morais com a casa e com a família; elas, por sua vez, cumprem com as responsabilidades que lhes caberiam: administrar os gastos familiares, controlar os recursos do grupo, cuidar e educar os filhos, executar as tarefas domésticas e contribuir, de forma considerada sempre secundária, com a ampliação da renda familiar.

O discurso sobre o sexo (obtido no contexto de conversas no âmbito de um programa educativo sobre sexualidade e Aids empreendido nas duas comunidades<sup>7</sup>) registra uma grande preocupação com o prazer do homem por parte das mulheres. Observa-se que as perguntas às técnicas assinalam uma preocupação em adquirir conhecimento sobre os sentimentos e prazeres masculinos. A própria sexualidade não é objeto de inquietação; o interesse é compreender atitudes e desejos dos companheiros. O conhecimento (reivindicado) sobre o sexo representa um quesito do papel feminino nessa ordenação conjugal, integrando as obrigações na família. Isso estampa como as relações de gênero articulam-se com o modo de experimentar a sexualidade. Não se fala de sexo com os parceiros; a conversa possível sobre o tema é com uma amiga ou com um familiar mais próximo.

As trajetórias femininas de iniciação sexual assinalam um quadro de relações entre os gêneros, no qual ao homem é atribuída a condução dos rumos desse acontecimento:

*Minha primeira experiência sexual foi com meu marido. Só tive ele. Eu tinha*

---

<sup>7</sup> Os depoimentos dessas mulheres foram colhidos ao longo do trabalho de observação participante realizado por Patricia Gouveia (1997). As duas comunidades eram objeto de um projeto de intervenção social na área da prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e Aids, no qual agentes comunitárias de saúde eram formadas para atuar nesses locais. Assim, as reuniões do projeto foram também registradas.

*15 anos e ele foi o único namorado. Aí começou o “rala” e quase um ano “aconteceu”. Depois que tava grávida não sabia de nada, não tive mais relações com medo de engordar mais, só depois de casada. Não tinha experiência, não sabia nada. Eu engravidei com “sarrinho”, aquele famoso “só nas coxas”. Uma vez sangrou e depois minha regra não veio. Fui ao médico. Ele disse que eu estava grávida. Mas não sabia como, não tínhamos feito nada direito. Fiquei com medo do meu pai. O médico me disse que eu tava realmente grávida e que meu marido “tinha que acabar o serviço direito”. Não sabia o que falar. Disse pra ele que se quisesse casar tudo bem, de outra forma eu dava um jeito. Resolvemos fazer aborto. O médico perguntou minha idade, disse que é 15 anos e o médico disse que só fazia com pai e mãe responsável. Meu marido foi e pediu ao meu pai para casar. Eles não entenderam por que a pressa. Sabe, meu pai é da roça, tinha pouca experiência. O Márcio disse que era por causa do quartel. Casamos. Depois minha barriga, muito tempo, foi aparecer. Não falei para os meus pais. Com sete meses eles notaram. Minha mãe quase morreu. Com três meses de casada ganhei a menina. O médico falou no hospital: “são duas crianças”, eu e a menina (Marilene, 36 anos).*

O sexo apresenta-se como uma freqüente estratégia no estabelecimento de vínculos, possibilitando a realização da aliança. Casamento, filhos e casa são valores centrais em seus projetos de vida. O sexo é, assim, uma forma de negociação com o parceiro masculino e uma possibilidade de transição de status, isto é, de tornar-se adulta. Ele enseja, principalmente quando associado a uma gravidez, a possibilidade de reter o companheiro, ter a própria casa e, assim, mais respeito social (Knauth, 1997; Gouveia, 1997). O sexo é sobretudo uma dádiva, cedida na expectativa de uma aliança, que é a sua contrapartida.

*Não digo assim que foi forçado e nem foi porque eu quis, foi aquele momento assim dele querer e eu fazer a vontade dele. Depois foi bom, né? Porque aí a gente ficava com medo de acontecer, depois ele não querer nada com a gente. Mas foi completamente diferente. Ele prometeu que a gente ia ficar junto (Rose, 31 anos).*

A percepção da atividade sexual como um bem feminino que se concede ao homem não se esgota nesse primeiro momento, mantendo-se presente durante o relacionamento. Aqui, a reivindicação das esposas em torno do desempenho sexual do marido passa a ser administrar melhor o regime dessas trocas e obrigações conjugais.

*(...) mas também a gente tem que cobrar um pouquinho. A gente tem que*

*conversar porque se não passa pela cabeça da gente que ele já arrumou outra. Passei a me cuidar mais, me produzir para ele reparar. Boto roupa bonita, fico em forma, o cabelo, tudo isso pra pessoa notar (Edite, 28 anos).*

O tema da infidelidade masculina é, mais uma vez, revelador do panorama das relações de gênero. As mulheres concebem tal questão como da ordem do regular: “*é assim mesmo que são as coisas*”. Faz parte da “natureza” masculina a tentação de ter experiências sexuais variadas. Contudo, tal apreensão, bastante consciente, não redundava em atitudes de prevenção nas relações sexuais com os companheiros. Muitas mulheres acreditam que se previnem sendo simplesmente fiéis ao marido. Convivem, assim, a percepção de um possível risco e um sentimento de indeterminação sobre o próprio destino, o que lhes impossibilita tomar uma atitude deliberadamente preventiva. O “constrangimento” feminino em relação à negociação do uso do preservativo se exprime por um sentimento de dependência do pólo masculino, que impede o diálogo com os maridos sobre isso. Segundo elas, os maridos poderão usar camisinha com as outras; entretanto, não se saberá realmente se o fizeram.

#### CENÁRIOS SEXUAIS: ROTEIROS DE GÊNERO E CLASSE SOCIAL

Uma expressiva literatura tem assinalado que, entre as notáveis mudanças deste século, sobressai-se a transformação das relações entre os gêneros (Hobsbawn, 1996; Elias, 1998). Tais alterações se devem à entrada mais expressiva das mulheres no mercado de trabalho, à sua maior escolarização, ao direito de voto feminino, à separação entre sexualidade e reprodução, propiciada pelos avanços médicos, e, em parte decorrente disso, a transformações no âmbito da sexualidade (em particular a feminina). Tida como íntima e privada, a sexualidade adquiriu contornos cada vez menos recônditos no que se refere ao debate público, seja como campo atravessado por relações de poder, obra empreendida pelo movimento feminista, seja como esfera de construção de identidades, por intermédio do movimento homossexual. Essas duas tendências articuladas deram o tom da alta modernidade ao tema (Giddens, 1992). Contudo, esse panorama não é o mesmo quando se considera o prisma de classe social, de gênero e de geração, e as múltiplas combinações entre eles.

Tendo como questão norteadora se a sexualidade tornou-se um imperativo existencial na vida das mulheres de determinados segmentos das camadas médias na qualidade de marco de construção da subjetividade, observa-se que, comparativamente às suas mães, o tema ganhou destaque em suas vidas. Contudo, nota-se que, a despeito de algumas mudanças relativas às práticas sexuais (denominadas de “sexo quente”, penetração anal e os eventualmente mencionados atos sadomasoquistas), a sexualidade não desponta como um valor central na construção de si, contrastando de maneira significativa com outros universos onde tal valor apresenta-se como mais estruturante (Heilborn, 1995).

Um dos traços referidos à transformação da intimidade na modernidade (Giddens,1992) é justamente a expansão, para o conjunto das mulheres, do que poderia significar na cultura ocidental uma arte erótica – a possibilidade de realizar com o parceiro regular uma série de atos sexuais, antes patrimônio exclusivo das especialistas. Um elenco maior de práticas sexuais torna-se difundido entre todos, ou quase todos. Cumpre notar que essa difusão se dá menos pela adoção regular de práticas sexuais antes definidas como liberais, do que pelo fato cada vez mais forte de que a "vivência" da sexualidade tende a tornar-se um imperativo existencial. É justamente entre as mulheres mais jovens que a sexualidade apresenta alguns traços no sentido de vir a significar um valor em si.

Os roteiros sexuais e as formas de entrada na vida sexual adulta revelam certas transformações relativas à moral sexual (perda relativa do valor alocado à virgindade feminina) em determinados grupos sociais. Nos últimos anos, algumas mudanças têm sido introduzidas nesse cenário e uma das mais significativas diz respeito à epidemia HIV (Loyola,1994), que veio tornar o debate público sobre sexualidade mais proeminente, sobretudo no que concerne ao desvelamento de práticas sexuais entre certos grupos. Falar de sexualidade, em certo sentido, tornou-se menos provocador de constrangimento. Contudo, isso não alterou a diferença da abordagem do tema entre homens e mulheres – persiste ainda um quadro de "dominação masculina". Alterações nas representações acerca dos gêneros são de ordem bastante lenta. Esse panorama de reprodução de valores é particularmente visível no tocante à Aids: as informações não são suficientes para garantir uma prevenção eficiente. As mulheres encontram-se em posição desvantajosa para negociar o uso da camisinha em função do cenário das relações de gênero. Sendo estas estruturadas com base em uma assimetria de prestígio e autoridade particularmente reveladora no encontro sexual, o exercício da decisão feminina torna-se problemático.

A entrada na vida sexual adulta e a maneira como as mulheres vivem essa passagem continuam a diferir fortemente daquelas dos homens: enquanto para elas a primeira relação sexual é frequentemente um momento decisivo (e inicial) na construção do primeiro relacionamento verdadeiro, para eles trata-se de um momento de iniciação pessoal no qual a relação com a parceira conta pouco (Bozon,1993). O discurso das mulheres sobre a virgindade e a primeira relação revela a persistência de uma moral relacional, na qual a experiência individual está sempre submetida à avaliação do grupo e à preeminência das considerações sociais. A mulher existe como pessoa através da apreensão de sua conduta pelos outros. Para os homens, as correlações entre atividade sexual e gênero masculino são particularmente proeminentes na construção da imagem de si, a despeito da classe social a que pertencem.

**Maria Luiza Heilborn**, doutora em antropologia, é professora-adjunta do Instituto de Medicina Social/UERJ.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, P. (1998) *La domination masculine*. Paris, Seuil.
- BOZON, M. (1993) "L'entrée dans la sexualité adulte: le premier rapport et ses suites". *Population*, ano 48, nº 5.
- BOZON, M. & HEILBORN, M. L. (1996) "Les caresses et les mots: l'initiation amoureuse à Rio de Janeiro et à Paris". *Terrain*, nº 27. Paris.
- DUARTE, L. F. (1986a) "Muita vergonha, pouca vergonha: sexo e moralidade entre classes trabalhadoras urbanas". In: LOPES, J. S. (org.) *Cultura e identidade operária*. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ: Marco Zero.
- \_\_\_\_\_. (1986b). *Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- DUMONT, L. (1979) *Homo hierarchicus*. Paris, Gallimard.
- ELIAS, N. (1998) "An interview in Amsterdam" In: GOUDSBLOM, J. & MENNEL, S. *The Norbert Elias reader*. Oxford, Blackwell Publishers.
- FOUCAULT, M. (1977) *História da sexualidade. A vontade de saber*. Rio de Janeiro, Graal.
- GIDDENS, A. (1992). *A transformação da intimidade*. Araraquara, UNESP.
- GOUVEIA, P. F. (1997) Uma "Mulher de Verdade": Estudo sobre Identidade Feminina em Grupos Populares. Dissertação de mestrado. PPCIS/Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- HEILBORN, M. L. (1995) "O que faz um casal, casal: uma análise comparativa sobre os novos formatos de vivência afetivo-sexual". In: RIBEIRO, I. & RIBEIRO, A. C. T. (orgs.) *Família e sociedade brasileira: desafios nos processos contemporâneos*. Seminários Especiais do Centro João XXIII. São Paulo, Edições Loyola.
- \_\_\_\_\_. (1997) "O traçado da vida: gênero e idade em dois bairros populares do Rio de Janeiro". In: MADEIRA, F. (org.) *Quem mandou nascer mulher?* Rio de Janeiro: Brasília, Rosa dos Tempos: UNICEF.
- \_\_\_\_\_. (1998) "A primeira vez nunca se esquece: trajetórias sexuais masculinas". *Estudos Feministas*, vol. 6, nº 2, IFCS/UFRJ.
- HEILBORN, M. L. & PRADO, R. (1995) Na Hora H a Gente Não Exige: Estudo sobre Mulheres, Sexualidade e Aids. Trabalho apresentado na ANPOCS. Caxambu.
- HEILBORN, M. L. & GOUVEIA, P. F. (1999) "Marido é tudo igual: mulheres populares e sexualidade no contexto da Aids". In: BARBOSA, R. & PARKER, R. *Sexualidades pelo avesso*. São Paulo, Editora 34.
- HOBBSBAWN, E. (1996) *A era dos extremos*. São Paulo, Cia. das Letras.
- KNAUTH, D. (1997) O vírus procurado e o vírus adquirido. *Estudos Feministas*, vol. 5, nº 2.

- LAGO, R. F. (1999) *Bissexualidade Masculina: Dilemas de Construção de Identidade Sexual*. Dissertação de Mestrado em Saúde Coletiva, IMS/UERJ, Rio de Janeiro.
- LAGRANGE, H. & LHOMOND, B. (1997) *L'entrée dans la sexualité*. Paris, Ed. de la Découverte.
- LEAL, O. (1998) "Sexualidade e cultura reprodutiva". *Estudos Feministas*, vol. 6, nº 2.
- LOYOLA, M. A. (1994) *Aids e sexualidade. O ponto de vista das ciências sociais*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará: UERJ.
- PARKER, R. (1991) *Corpos, prazeres e paixões*. São Paulo, Best Seller.
- ROPA, D. & DUARTE, L. F. (1985) "Considerações teóricas sobre a questão do 'atendimento psicológico' às classes trabalhadoras". In: FIGUEIRA, S. (org.) *Cultura e psicanálise*. São Paulo, Brasiliense.
- SALEM, T. (1985) "Família em camadas médias: uma revisão da literatura recente". *Boletim do Museu Nacional*, NS, nº 54. Rio de Janeiro.
- \_\_\_\_\_. (1989) "Casal igualitário: princípios e impasses". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 3, nº 9, fevereiro.
- SCHUTZ, A. (1979) *Fenomenologia e relações sociais*. Rio de Janeiro, Editora Zahar.
- SIMON, W. & GAGNON, J. (1973) *Sexual conduct: the social sources of human sexuality*. Chicago, Aldine.
- VANCE, C. (1995) "A antropologia redescobre a sexualidade". *Physis*, vol. 1, nº 5.
- VELHO, G. (1985) *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- WEEKS, J. (1986) *Sexuality and its discontents: meanings, myths and modern sexualities*. Londres, Routledge: Kegan Paul.